

# Femme Totale reúne Cineastas Brasileiras

Festival de Cinema Feminino é dedicado ao Brasil

Gisela Pimentel



**„Precisamos nos encontrar mais vezes“, sugeriu Marcia Paraiso, satisfeita com o encontro entre oito diretoras do cinema nacional durante o Femme Totale, festival de cinema feminino em Dortmund, que ocorreu de 28 de março a 1º de abril.**

O tema principal deste ano foi „Beijo de Verdade“, e o Brasil o país homenageado numa das mostras paralelas. Os ciclos Cada um Beija a Seu Tempo, O Primeiro e o Último Beijo, Chegando ao Poder e Como Fingir Um Orgasmo reuniram excelente seleção de películas das vanguardas americana e alemã, filmes com as divas italianas da década de 10 e o cinema pornô francês dos anos 20. Oito programas de curtas e longas-metragens fizeram parte da programação brasileira. Os filmes foram exibidos na presença das respectivas diretoras, que depois de cada projeção conversaram com o público. O ponto alto do evento foi a mesa redonda da qual participaram Tizuka Yamazaki, Lúcia Murat, Laís Bodanzky, Andréa Seligmann, Debora Waldmann, Tata Amaral, Marcia Paraiso e Paula Alves, uma das curadoras da mostra brasileira. Alice Gonzaga, filha de Adhemar Gonzaga e responsável pelo acervo da Cinédia, trouxe o recém restaurado O Ébrio (1948) para ser exibido pela primeira vez na Europa. Tizuka Yamazaki aproveitou o encontro para protestar contra os poderes político e econômico do cinema nacional, „que ainda estão nas mãos de meia dúzia do Cinema Novo. Eles ditam as leis junto com o governo e as gran-

des empresas“. A cineasta lembrou que ela mesma é cria do movimento „que fazia um ‘cinema cabeça’, mas que era formado apenas por homens. Não havia sequer uma diretora. Eles tinham um discurso inteligente e libertário, mas na relação de intimidade não era o mesmo“. Depois, ponderou: „nem a gente queria, nem eles davam. A culpa era das duas partes“. Tizuka está na fase final de arrecadação de subsídios para gravar Gaijin II, e acredita que a intensa produção feminina de hoje vá mudar essa situação. „Dentro de uns dez anos o cinema brasileiro será muito mais rico e diverso. A mulher, até pela possibilidade da maternidade, é muito mais generosa e democrática. Estamos apenas no início do caminho“.

Lúcia Murat, presidente da Associação Brasileira dos Cineastas (a primeira mulher a assumir o cargo), deu um painel geral da história recente do cinema brasileiro, e falou do „cinema da retomada, que nos últimos três anos produziu 120 filmes, sendo 20% de mulheres“. Lúcia recordou a seleção de filmes brasileiros presentes na Berlinale de 97, cuja metade era de diretoras, e o Festival de Brasília do ano passado, com essa mesma proporção“, e concluiu „que a visibilidade das produções femininas é muito maior do que a dos homens“. Para a cineasta, „as mulheres têm muito menos compromisso com o ‘cinema comercial’ e uma ousadia muito maior, o que permite criar um cinema mais interessante, com novas propostas estéticas“. Representando a nova geração, Laís Bodanzky contou que a maioria da sua turma na faculdade de cinema era de mulheres, e que seu maior problema não foi ser do sexo feminino, mas sim „uma pessoa nova chegando no mercado“. Hoje, sua grande dificuldade „não é mais de produção, mas de exibição“. Em resposta, Lúcia Murat revelou ter recebido, no dia anterior, uma proposta de dois deputados para criar uma lei que obrigasse cada multiplex a reservar uma sala de exibição exclusiva para ser dividida entre o cinema nacional e o estrangeiro não-americano. A idéia foi considerada ótima. Tata Amaral falou dos aspectos estético e temático: „o fato de existirem mulheres fazendo cinema provoca uma mudança de eixo na maneira de olhar os temas“, afirmou, citando como exemplo Através da Janela (1999), que tem a história contada sob o ponto de vista da personagem feminina. Alguns jornalistas

lamentaram que este filme não tenha sido exibido no lugar de Um Céu de Estrelas (1996), que já passou várias vezes na Alemanha. O encontro de diferentes gerações de cineastas foi produtivo. Tizuka Yamazaki teve a oportunidade de assistir ao curta de Debora Waldman, Kyrie ou Início do Caos (1998), e ficou bastante surpresa. „Amei o filme da Debora, essa menina vai longe, tem substância“, afirmou categórica.

A exibição de O Ébrio teve tradução simultânea para o alemão e agradou à platéia, que após o filme conversou com Alice Gonzaga sobre as dificuldades de se restaurar filmes no Brasil. Alice acaba de fundar o Instituto para Preservação da Memória do Cinema Brasileiro, através do qual pretende receber doações e patrocínios para outras restaurações. As organizadoras do Femme Totale ficaram satisfeitas com o resultado do festival, mas assumiram falhas na programação dos filmes. Como o evento começou na quarta-feira, as fitas exibidas durante a semana saíram prejudicadas – o clássico Gaijin não teve muito público. O filme de Tata Amaral e os curtas exibidos no sábado foram os que tiveram maior platéia. Que Bom Te Ver Viva (1989), documentário de Lúcia Murat, foi o que mais suscitou interesse do público ao debate. Ruth Hermann, do Frankfurter Allgemeine, mostrou-se impressionada com a história contada pelo curta de Ana Luisa Azevedo, Ventre Livre (1994), que fala da esterilização das mulheres no Brasil. „Não imaginei que o cinema brasileiro fosse tão crítico“, declarou. O festival deste ano teve verba de 650 mil reais, mostrou quase cem filmes, e trouxe diretoras do mundo inteiro para a Alemanha. Cerca de duzentos jornalistas foram credenciados, e mais de 9 mil ingressos foram vendidos – um número representativo para uma cidade como Dortmund.

Os eventos mais bem sucedidos foram Speak Low, show da atriz berlinense Meret Becker em homenagem a Kurt Weill, assim como a noite de abertura com o longa Summer or 27 Missing Kisses (2000), de Nana Djordjadze (Geórgia/Alemanha). Lange Nacht (Noite Longa), as produções francesas de filmes pornô mudos da década de 20 (acompanhados por piano) e a entrega do prêmio de 10 mil reais para a vencedora do concurso de cinegrafista feminina lotaram as salas do festival. ■